

1

De uma rapariga numa barraca e do homem que, depois de morto, a fez sair de lá

De certo modo, os esvaziadores de latrinas do maior *ghetto* da África do Sul tinham sorte. Pelo menos tinham trabalho e um teto sob o qual se abrigar.

Em contrapartida, de um ponto de vista estatístico, não tinham futuro. A maior parte morreria jovem de tuberculose, pneumonia, disenteria, drogas, álcool ou uma combinação de tudo isso, e poucos poderiam celebrar os cinquenta anos. Entre eles, o chefe de um dos gabinetes de latrinas do Soweto. Mas o coitado estava envelhecido e adoentado. Habituará-se a tomar demasiados analgésicos, regando-os com demasiadas cervejas a horas demasiado matutinas. Em consequência, um dia mostrou-se demasiado veemente perante um representante do departamento sanitário de Joanesburgo. Um fulano que se atrevia a levantar a voz! O incidente foi denunciado e chegou ao chefe de secção da câmara, que no dia seguinte, durante o pequeno-almoço, que costumava tomar com os seus empregados, comunicou que chegara a hora de substituir o analfabeto do setor B.

Um pequeno-almoço bastante agradável, aliás, pois também houve bolo para dar as boas-vindas a um novo assistente sanitário. Chamava-se Piet du Toit, tinha vinte e três anos e acabava de finalizar os estudos.

Seria ele que se encarregaria do problema no Soweto, pois assim fora decidido na Câmara de Joanesburgo. Para os fazerem endurecer, os analfabetos eram atribuídos aos novatos.

Ninguém sabia ao certo se todos os esvaziadores de latrinas do Soweto eram realmente analfabetos, mas assim os chamavam. Em qualquer caso, nenhum deles fora à escola. E todos viviam em barracas. E tinham dificuldade em entender o que lhes era dito.

Piet du Toit sentia-se pouco à vontade. Era a sua primeira incursão entre os selvagens. Para maior segurança, o pai, um comerciante de arte, arranjara-lhe um guarda-costas.

Quando pôs um pé no gabinete de latrinas, o rapaz de vinte e três anos começou a comentar irritadamente o mau cheiro, incapaz de se conter. Do outro lado da secretária estava sentado o chefe de latrinas, que em breve teria de abandonar o seu lugar. E a seu lado uma menina, que, para estupefação do assistente sanitário, abriu a boca e replicou que uma das características da merda era que, com efeito, cheirava mal.

Por um instante, Piet du Toit interrogou-se se a garota estava a fazer troça dele, mas não, isso era impossível.

Deixou passar e foi direito ao assunto. Explicou ao chefe de latrinas que devia abandonar o seu posto, pois assim fora decidido pelas altas instâncias. No entanto, pagar-lhe-ia três meses de ordenado se no prazo de uma semana fosse capaz de seleccionar o mesmo número de candidatos para o lugar que ia ficar vazio.

— Então posso voltar para o meu antigo trabalho de esvaziador de latrinas normal e vulgar e assim ganhar algum dinheiro? — perguntou o chefe recém-despedido.

— Não — respondeu Piet du Toit. — Não podes.

Uma semana depois, o assistente Du Toit e o seu guarda-costas voltaram. O chefe despedido estava sentado atrás da sua secretária, em teoria pela última vez. A seu lado encontrava-se a mesma menina.

— Onde estão os teus três candidatos? — perguntou o assistente.

O chefe despedido explicou que, lamentavelmente, dois deles não podiam estar presentes. A um tinham cortado o pescoço numa briga na noite anterior. Quanto ao segundo, não sabia dizer onde se encontrava, possivelmente tivera uma recaída.

Piet du Toit não quis saber a que tipo de recaída se referia. Só queria sair dali quanto antes.

— E quem é então o teu terceiro candidato? — perguntou, irritado.

— A menina que está aqui ao meu lado. Já há alguns anos que me ajuda. E devo dizer que trabalha muito bem.

— Não pretendes que contrate uma menina de doze anos como chefe de latrinas! — exclamou Piet du Toit.

— Catorze — interveio ela. — E com nove de experiência no lugar.

O mau cheiro era insuportável. Piet du Toit receava ficar com o fato impregnado com o fedor.

— Já começaste a drogar-te? — perguntou-lhe.

— Não — respondeu ela.

— Estás grávida?

— Não.

O assistente permaneceu uns segundos em silêncio. Estava fora de questão voltar a pôr os pés ali mais vezes do que as necessárias.

— Como te chamas?

— Nombeko.

— Nombeko quê?

— Mayeki, creio eu.

Santo Deus, eles nem sequer sabiam o apelido!

— Nesse caso, o lugar é teu, se conseguires manter-te sóbria, claro.

— Consigo.

— Muito bem. — E, voltando-se para o chefe despedido, acrescentou: — Tínhamos dito três meses de salário em troca de três candidatos, ou seja, uma mensalidade por candidato, ao que retiro um mês de salário por teres sido incapaz de arranjar melhor do que uma menina de doze anos.

— Catorze — corrigiu-o a visada.

Piet du Toit foi-se embora sem os cumprimentar, com o guarda-costas dois passos atrás.

A menina que acabava de se tornar chefe do seu chefe agradeceu-lhe todo o seu apoio e contratou-o de imediato como seu braço direito.

— Então, e Piet du Toit? — inquietou-se o antigo chefe.

— Mudamos-te simplesmente o nome e pronto. Tenho a certeza de que o assistente é incapaz de notar a diferença entre dois negros.

Foi o que replicou a pequena de catorze anos que parecia ter doze.

*

A nova chefe das latrinas do setor B do Soweto nunca pudera ir à escola. Devia-se isso ao facto de a mãe ter tido outras prioridades, mas também porque Nombeko tivera a pouca sorte de vir ao mundo precisamente na África do Sul, de entre todos os países possíveis, e, pior ainda, no início dos anos sessenta, época em que os dirigentes políticos do país consideravam que as pessoas como Nombeko não contavam para nada. O primeiro-ministro de então tornara-se célebre com uma pergunta retórica: por que razão os negros deveriam ir à escola quando, afinal, só serviam para transportar lenha e água?

Quanto às tarefas, estava enganado, pois Nombeko não transportava lenha nem água, mas merda. No entanto, nada fazia pensar que aquela menina franzina ia crescer e conviver com reis e presidentes. Ou aterrorizar nações. Ou influenciar de forma determinante a política internacional.

Nada disso teria acontecido se ela não fosse como era.

Mas era.

Entre outras coisas, era uma menina aplicada. Já aos cinco anos transportava bidões cheios de excrementos, tão grandes como ela. Com o esvaziar de latrinas ganhava exatamente o dinheiro de que a mãe precisava para lhe poder pedir que comprasse a sua garrafa de solvente diária. Quando voltava da sua missão, a mãe recebia-a com um grande «Obrigada, querida», desenroscava a tampa e de imediato anestesiava a infinita dor que lhe causava não ter futuro, nem ela nem a filha. O último contato entre Nombeko e o pai remontava mais ou menos aos vinte minutos posteriores à sua concepção.

À medida que crescia, Nombeko esvaziava mais bidões e o seu salário servia para cobrir outras necessidades além da inalação do solvente. Assim, a mãe pôde completá-la com comprimidos e álcool. Mas a menina, que se apercebia de que as coisas não podiam continuar assim, disse-lhe que tinha de escolher entre a abstinência ou a morte.

A mãe assentiu com a cabeça — tinha compreendido.

Foi um funeral muito concorrido. Nessa altura, muitos habitantes do Soweto dedicavam-se sobretudo a duas coisas: a suicidar-se

lentamente e a prestar a última homenagem aos que já o tinham conseguido. A mãe morreu quando Nombeko tinha dez anos e, como já foi dito, não havia nenhum pai à mão. A menina considerou a possibilidade de retomar o assunto onde a mãe o deixara e erigir um muro químico de contenção permanente da realidade. Mas, quando recebeu o seu primeiro salário depois de a perder, decidiu pelo contrário comprar alguma comida. Uma vez mitigada a fome, olhou em sua volta e disse para si mesma:

— Que faço eu aqui?

Ao mesmo tempo, percebeu que não tinha nenhuma alternativa imediata. Não havia muita procura de analfabetas de dez anos no mercado de trabalho sul-africano. De facto, não havia nenhuma procura. E naquela parte do Soweto nem sequer havia mercado laboral, nem, bem entendido, demasiada gente apta para o trabalho.

No entanto, a defecação é uma necessidade universal, inclusive para os espécimes humanos mais miseráveis do planeta; portanto, Nombeko tinha assegurada pelo menos essa forma de ganhar a vida. Além disso, depois de enterrar a mãe disporia do seu salário na íntegra.

Já aos cinco anos descobrira uma forma de matar o tempo enquanto carregava e transportava os bidões: contá-los.

— Um, dois, três, quatro, cinco...

À medida que crescia, foi acrescentando dificuldade aos exercícios para que continuassem a ser estimulantes:

— Quinze bidões por três viagens, por sete que os levam, menos um que está sentado sem se mexer porque está perdido de bêbado... são... trezentos e catorze bidões.

Além da sua garrafa de solvente, enquanto viveu, a mãe de Nombeko mal prestava atenção ao que se passava à sua volta, mas reparou que a filha sabia somar e subtrair. Durante o seu último ano de vida, começou a chamá-la de cada vez que era preciso distribuir uma dose de comprimidos de diferentes cores e diversos efeitos entre as barracas. Afinal, uma garrafa de solvente não é mais do que uma garrafa de solvente. Mas quando se trata de distribuir comprimidos de cinquenta, cem, duzentos e cinquenta e quinhentos miligramas em função dos desejos e das capacidades económicas, é importante proceder à